

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**17 e 26 de Abril de 2023**  
**A CINEMATECA COM A FESTA DO CINEMA ITALIANO**  
**- A CRÍTICA POLÍTICA SEGUNDO ELIO PETRI**

**BUONE NOTIZIE / 1979**

*Um filme de Elio Petri*

*Argumento: Elio Petri / Diretor de fotografia (35 mm, Eastmancolor, formato 1:85): Tonino Nardi; imagens de televisão: Berto Pelosso / Cenários: Amadeo Fago, Franco Velchi Pellechoa, Ubaldo Terzano / Figurinos: Barbara Mastroianni / Música: Ennio Moricone / Montagem: Ruggero Mastroianni / Som: Giuseppe Muratori / Interpretação: Giancarlo Giannini (o homem), Angela Molina (Fedora), Aurore Clément (Ada Milano), Paolo Bonacelli (Gualtiero Milano), Ombretta Colli (a senhora Tignetti), Ninetto Davoli (funcionário da empresa de televisão), Rita Broen (Benedetta), Franco Javarone (o comissário de polícia), Filippo De Gara (o sindicalista), Produção: Elio Petri e Giancarlo Giannini para Medusa (Roma) / Cópia: da Cineteca Nazionale (Roma), versão original com legendas em inglês e legendagem eletrônicas em português / Duração: 106 minutos / Estreia mundial: Festival de Florença, 23 de Novembro de 1979 / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

\*\*\*\*\*

**Buone Notizie** veio a ser o último filme de Elio Petri, que morreria três anos depois da sua estreia aos cinquenta anos e três de idade. O filme tem algo de testamentário. As desilusões pessoais e ideológicas de Petri, com um certo refluxo da sua carreira e a grave crise que vivia a Itália, no auge dos “anos de chumbo” (Aldo Moro foi sequestrado e assassinado em 1978, sequestros e homicídios multiplicavam-se), levaram Petri a afastar-se da veia do cinema alegórico e de grande produção que vinha perseguindo. Parecia convencido, como declarou numa entrevista sobre o filme, que “o cinema italiano deve dar-se conta da função importante e determinante que pode ter para as suas estruturas os filmes de pequena dimensão, que formam a meu ver a única alternativa ao cinema americano. Não podemos fazer um cinema milionário e se tentarmos fazer concorrência a Hollywood neste domínio estamos perdidos. A única saída, a única solução é o filme de autor de qualidade. O nosso público é maduro, aceita este cinema”.

Petri teve dificuldades em fazer a montagem financeira do filme e este veio a existir graças a Giancarlo Giannini, que resolveu produzi-lo a meias com ele, tendo para isto negociado antecipadamente com uma distribuidora, dirigida por pessoas que ele conhecia bem. Aceitaram e o financiamento foi obtido de imediato, sem contar com subsídios públicos. Giannini acrescenta que como era a primeira vez que Petri produzia um dos seus filmes teve algumas dificuldades precisamente devido à liberdade que esta posição lhe dava: “Se depois de escolher um sítio para filmar Petri mudava de ideia no último minuto, podia fazê-lo. Era um homem muito preciso, muito decidido. Era a primeira vez que produzia um filme e isto criou-lhe algumas dificuldades quanto à escolha dos exteriores”, ou seja, introduziu um elemento de hesitação no seu trabalho. O ator, que define **Buone Notizie** como “um filme metafísico, um filme estranho, como um quadro de Magritte”, acrescenta que este é habitado por “propostas de personagens, ideias de personagens, que de certa forma exteriorizavam o seu inconsciente”. Petri definiu o filme como “o retrato de bolso de um indivíduo que busca continuamente soluções fáceis para garantir o seu bem-estar «burguês» e perde-se totalmente de vista e, tudo somado, é uma comédia, que pode inclusive ser definida como uma comédia sofisticada de esquerda...”. Ver neste filme uma comédia sofisticada, género que costuma girar à volta do eterno triângulo (ela, ele e o/a outro/a), que aqui é um

quadrângulo, é esticar bastante a corda e não é esticá-la menos associá-lo, como alguns o fizeram, aos filmes de Buñuel, que se caracterizam, sobretudo na sua fase final, pela concisão e o espírito de síntese, que não são as características mais visíveis do prolixo cinema de Elio Petri, cujos filmes, a partir de certo ponto, costumam ter entre vinte e trinta minutos a mais do que o necessário.

Em **Buone Notizie** não estamos num mundo indefinido como em **La Decima Vittima** nem num mundo reconhecível e deformado como em **La Proprietà non è piu un furto**, mas num mundo bastante próximo do assim chamado “real” e de tudo o que este tem de aparente. A ação se passa em Roma, cujas ruas estão cheias de sacos de lixo e onde há cartas anónimas com ameaças de morte e alguns homicídios, o que não destoava muito da realidade romana (e italiana de modo geral) de então. Num mundo cuja realidade é mediada pela televisão (o título do filme é uma óbvia alusão à enxurrada de notícias sobre desgraças, grandes e pequenas, que alimentam o noticiário televisivo), o protagonista masculino trabalha precisamente numa empresa de televisão, ou seja, fora da realidade. O filme se articula em três planos, o casal, a cidade e a televisão e a primeira meia hora, a *mise en place*, é sem dúvida a melhor, antes da narrativa se concentrar na crise (de meia idade?) que vive o homem, deixando por completo de mostrar a cidade, o mundo exterior e fixando-se cada vez mais nos personagens, que de dois passam a três e em breve a quatro, mas tendo sempre no centro o homem, que não tem nome. Uma vez expostos os elementos narrativos, tudo se desenvolve “a saltos de canguru”, para citarmos a fórmula de um crítico italiano (“*Petri não para de entornar água na argamassa, sem que se saiba onde quer chegar*”), com a tão “petriana” mistura de parábola e elementos muito prosaicos, que parecem saídos de uma *comédia à italiana*, por exemplo, a sequência em que o protagonista despe-se, de modo patético, diante de uma colega de trabalho, primeira das algumas tiradas “feministas” do argumento. A mistura de humor negro e elementos dissonantes (a melodramática sequência no cemitério, monstruosas imagens pornográficas sadomasoquistas) desemboca num certo impasse.

Numa entrevista posterior em quase vinte anos ao filme, Giancarlo Giannini declarou que “à época, o filme não foi compreendido. Não sei se algum dia o será”. Quanto a Petri, resumindo toda a ambiguidade da sua postura, declarou à época, num tom desabusado: “*No cinema devemos fazer aquilo que pensamos, aquilo que nos agrada. Não devemos pensar no público. Faço o que me apetece, do contrário o meu trabalho não teria nenhum sentido. Se o resultado for incompreensível, paciência*”.

Antonio Rodrigues